

Exílio

Candido mendes¹

Na esteira do choque, começam as interrogações sobre todo o alcance da iniciativa de D. José Cardoso Sobrinho, arcebispo de Olinda e Recife, da excomunhão de todos os seus fiéis ligados ao recente aborto da menina de nove anos, estuprada pelo padrasto. O arcebispo não decretou; lembrou a excomunhão automática pelo código canônico de todos os envolvidos, pondo em causa o escândalo que despertou o dever e os percalços da fala da Igreja, em obediência aos “sinais dos tempos” a que lhe urgiu o Vaticano II.

Nesse quadro, a inoportunidade da palavra pesa, tanto reflita a assintonia com o laicato à sua escuta, ávido à leitura da esperança no contexto de nossos dias. Não está em causa a ortodoxia do dito, no que a CNBB e o Vaticano não poderiam deixar de acompanhar o pronunciamento de D. José Cardoso. O que importa, sempre, é o nervo da mensagem para um aqui e agora, em que a fé avança com a esperança e, mais que ao dogma, vai à consciência, faz do cristianismo uma religião de liberdade. Deverá a condenação se estender a todo Brasil, explicitando o anátema de Pernambuco? Superá-lo dependerá de um perdão, também explícito? Ou o que importa é a ressonância da palavra ao juízo de cada fiel, na consciência da religião?

No pólo oposto do começo do século XX, quando São Pio XI voltou as costas à modernidade, Bento XVI reafirma a conciliação intrínseca da fé com a razão e a ciência, e sempre à luz de um “mais ser” do homem, confrontado aos avanços da tecnologia, frente

¹ Presidente do *senior board* do Conselho Internacional de Ciências Sociais da UNESCO. Publicado em **O Globo** de 16 de março de 2009.

ao fixismo da natureza, e de um humanismo emergente como leitura desse advento. A repercussão européia das declarações de D. José Cardoso traz de volta o temor da repetição do que ocorreu com a encíclica “*Humanæ Vitæ*”, de Paulo VI, na condenação dos anticoncepcionais. Contrariou as conclusões da comissão convocada, levou à desobediência do preceito, senão à sua irrelevância por 60% dos católicos do Velho Mundo. No descaso da palavra pontifícia, os católicos assumiam a responsabilidade de sua consciência no continuar na vida da Igreja.

Deparamos agora o mesmo quadro no considerar a legitimidade do aborto, fora da condenação do código canônico, em bem da vivência deste novo tempo dos homens? Faz parte, ou não, da pastoral atentar à opção pela modernidade preconizada pelo Vaticano II? O choque só deverá vivificar a reflexão exatamente no pontificado do mais angustiado dos pontífices modernos.

A palavra de D. José vai ao extremo o posto de toda reflexão sobre um “aqui e agora” e de toda nova problemática teológica e filosófica dos limites — e das transformações da vida — em que entramos na complexidade inédita de nosso tempo. Ela é nossa, como a encarnação.

De toda forma, não é o autoritarismo das repetições que nos leva à frente, mas a densidade da consciência que vai à aposta da fé, e a discernir, como nos assinalou Alceu Amoroso Lima, na maturidade do seu laicato do país mais católico do globo. Continuaremos a sê-lo, tanto a Igreja resista a seu exílio no seio do povo de Deus.